

## TRIBUTOS

Governo tenta seduzir senadores ao destacar que 12 unidades da Federação recebem repasses maiores do que arrecadam com a CPMF

# A força da contribuição nos estados

FERNANDA ODILLA  
DA EQUIPE DO CORREIO

Um dos últimos apelos do Palácio do Planalto para aprovar a prorrogação da CPMF é um documento elaborado pelo gabinete pessoal do presidente da República e atualizado no dia 29 de novembro. Com o título de "Importância Social da CPMF", o texto foi distribuído a integrantes do pelotão acionado para convencer senadores a votarem a favor do tributo e mostra como é a partilha da CPMF no Brasil e em cada um dos 26 estados, além do Distrito Federal.

O governo aposta no retorno social da CPMF que, de acordo com o texto, praticamente banca todos os investimentos de três áreas: Previdência Rural, saúde e o Bolsa Família. Cuidadosamente preparado, o documento mostra quanto o país e os estados dependem do imposto que incide sobre as movimentações financeiras. Doze unidades da Federação recebem hoje repasses maiores do que o valor arrecadado com o tributo no estado.

O Maranhão é o maior beneficiado com a CPMF. Os bancos

do estado arrecadam com o tributo R\$ 640,6 milhões por ano e o estado tem um retorno de R\$ 1,1 bilhão investidos em programas sociais. Assim como a média brasileira, 76% dos recursos do Bolsa Família no Maranhão vêm da CPMF. Mais de 735 mil famílias são beneficiadas com o programa.

O líder do governo na Câmara, Henrique Fontana (PT-RS), é um dos integrantes da tropa de elite que tem usado como argumento a responsabilidade social da CPMF. Com o relatório elaborado pelo gabinete do presidente, Fontana tem mantido conversas com parlamentares mostrando como o tributo se transforma em investimentos sociais. "Os senadores têm se sensibilizado com esses argumentos", garante Fontana que, na semana passada, esteve com Pedro Simon (PMDB-RS) destacando o impacto da CPMF no estado.

Os gaúchos pagam à CPMF mais de R\$ 2,6 bilhões ao ano e recebem de volta R\$ 1,9 bilhão investidos em programas sociais. Quem menos tem retorno com o imposto é São Paulo: 64% do que se paga é revertido para o estado.

Carlos Moura/CB - 3/4/07



FONTANA: "OS SENADORES TÊM SE SENSIBILIZADO COM ESSES ARGUMENTOS"

## A PARTILHA

R\$ 30,7 milhões

da CPMF são repartidos em programas como:

Bolsa Família: R\$ 7,4 bilhões

Saúde: R\$ 15,6 bilhões

Previdência: R\$ 7,6 bilhões

Os que recebem repasse maior que a arrecadação do imposto do cheque

ESTADO	CONTRIBUIÇÃO	RETORNO
Acre	R\$ 87 milhões	R\$ 104 milhões
Alagoas	R\$ 382 milhões	R\$ 539 milhões
Bahia	R\$ 2,0 bilhões	R\$ 2,5 bilhões
Ceará	R\$ 1,0 bilhão	1,5 bilhão
Maranhão	R\$ 640,6 milhões	R\$ 1,1 bilhão
Pará	R\$ 797 milhões	R\$ 1,0 bilhão
Paraíba	R\$ 510 milhões	R\$ 713 milhões
Pernambuco	R\$ 1,2 bilhão	R\$ 1,6 bilhão
Piauí	R\$ 390 milhões	R\$ 581 milhões
Rio Grande do Norte	R\$ 470 milhões	R\$ 520 milhões
Sergipe	R\$ 317 milhões	R\$ 364 milhões
Tocantins	R\$ 200 milhões	R\$ 207 milhões

Fonte: Gabinete-Adjunto de Informações em Apoio à Decisão/Presidência da República



**SURPREENDEU A CONCORRÊNCIA. TAMBÉM VAI SURPREENDER VOCÊ.**



**PICANTO** O compacto com câmbio automático mais barato do Brasil.\*  
A partir de **R\$ 35.900,00**  
à vista - (código J.204.78)

Motor 1.0 12V, câmbio mecânico, ar-condicionado, direção hidráulica, trio elétrico, spoiler traseiro, faróis de neblina, detalhes do painel em aço escovado, rodas de liga leve, rádio com CD player e MP3 e cobertura do porta-malas.

Em até **60x**

**CERATO** Leve o melhor custo-benefício da categoria para casa.  
A partir de **R\$ 49.900,00**  
à vista - (código E.122.78)

Motor 1.6 16V com 121cv, ar-condicionado, airbag motorista e passageiro, rodas de liga leve aro 15, CD player com MP3, trio elétrico, antena elétrica, faróis de neblina, detalhes do painel em aço escovado, regulagem de altura do volante.



**SPORTAGE** O Sport Utility coreano mais vendido no Brasil.  
A partir de **R\$ 79.400,00**  
à vista - (código P.116.78)

Motor 2.0 16V com 142cv, freios a disco nas 4 rodas com ABS e EBD, câmbio mecânico, ar-condicionado, airbag duplo, rádio/equalizador/CD player, faróis de neblina, key-less, limpador traseiro, alarme, trio elétrico, bagageiro no teto, detalhes em aço no painel e cobertura do compartimento das malas.

**5 anos** de garantia **TOTAL**

SIA Trecho 4 3363 1616 | QI 09 - Lago Sul 3248 1700

www.carcollection.com.br

**KIA** Car Collection

Preços válidos para pagamento à vista. Validade: 15/12/2007 ou até o término do estoque, o que ocorrer primeiro. TAC, ISS, frete e pintura metálica não inclusos. Crédito sujeito à aprovação da instituição financeira. Imagens ilustrativas. Garantia de 5 anos, sem limite de quilometragem, para cobertura básica. Picanto, código J.204.78 - preço à vista: R\$ 35.900,00. \*Versão automática R\$ 40.900,00. Cerato, código E.122.78 - preço à vista: R\$ 49.900,00. Sportage, código P.116.78 - preço à vista: R\$ 79.400,00. Financiamento em, no mínimo, 42 meses em operação de leasing. Taxa de 0,99% ao mês.



por Alon Feuerwerker

e-mail alon.feuerwerker@correioweb.com.br



## Comida em vez de álcool

Os países líderes do mundo em desenvolvimento são o pólo dinâmico da economia global. A esperança de expansão econômica sustentada nas próximas décadas repousa principalmente nas costas de Brasil, Rússia, Índia e China, os Brics. Os quatro desempenham o papel de dinamos do crescimento planetário, graças também à inserção acelerada de centenas de milhões de pessoas no mercado de consumo. Essa euforia periférica compensa, com sobras, a pasmaceira e a estagnação capitalistas em centros do mundo desenvolvido como Europa e Japão.

Uma consequência visível dessa transformação maciça de pobres em consumidores é a demanda por comida. A edição mais recente da revista inglesa *The Economist* traz a informação de que o consumo de carne por habitante na China cresceu de 20 para 50 quilos nas últimas três décadas, um salto portentoso de 150%. E, ainda que o apetite dos chineses por carne esteja desacelerando, outras levas de ex-famintos vêm atrás. Nos países em desenvolvimento, o consumo de cereais estabilizou-se de 1980 para cá, mas a demanda por carne duplicou.

Sempre segundo a revista, são necessários três quilos de grãos para produzir um quilo de carne de porco. Na carne bovina, essa relação é de um para oito. Portanto, uma mudança radical na dieta, com o crescimento explosivo do consumo de carne, coloca pressão constante sobre o preço das commodities. Mas essa alteração alimentar tem sido gradual e, portanto, não explica o salto recente nos preços dos grãos. A tonelada de trigo, por exemplo, pulou de US\$ 200 para US\$ 400 entre maio e setembro deste ano. E o preço do milho já está em US\$ 150 a tonelada, 50% acima da média de 2006.

Qual é o problema, então? O principal motivo para o fim da comida barata (título da reportagem da revista) é a expansão do etanol, especialmente do etanol de milho produzido pelos Estados Unidos. Confirmam-se assim as previsões mais pessimistas. Os americanos estão em seu direito ao buscar fontes de energia que os tornem menos dependentes do petróleo. À questão, porém, é que a opção americana pelo etanol para abastecer os tanques dos carrões de seus cidadãos tem implicações globais. A inflação nos preços dos alimentos é a primeira, mas está longe de ser a única. Junto vêm a aceleração do desmatamento e a piora das condições de pobreza de quem mais consome do que produz comida.

O milho necessário para produzir o álcool que abastece o tanque de uma picape seria suficiente para alimentar um indivíduo durante um ano inteiro. Essa relação é auto-explicativa. Aqui nos trópicos, porém, o governo brasileiro esforça-se para convencer-nos (e ao mundo) de que álcool de milho é uma coisa e álcool de cana é outra. Agora mesmo, na conferência em Bali (Indonésia) que discute o aquecimento global, o chanceler Celso Amorim luta para incluir o etanol de cana na lista de produtos ambientalmente corretos e que deverão ter seu comércio estimulado por meio de mecanismos tarifários.

O Brasil está de olho no mercado americano de etanol e deseja que os Estados Unidos deixem de punir o álcool brasileiro com taxas que o tornam menos competitivo nos postos de combustível do grande irmão do norte. Os americanos resistem, até porque não faria sentido para eles trocar de dependência, sair do petróleo importado para o etanol importado. A mudança da matriz energética nos Estados Unidos obedece principalmente a vetores geopolíticos. É isso que o governo brasileiro talvez não tenha ainda entendido completamente.

Mas, como há males que vêm para o bem, talvez a oposição americana à inundaçãõ de seu mercado pelo etanol brasileiro acabe prestando-nos um favor. O Brasil é um país privilegiado em terras, água e luz. A demanda mundial de alimentos está em alta e promete continuar assim. É razoável deduzir, portanto, que uma eventual expansão acelerada da cana para o etanol não ocorreria em substituição às culturas de grãos e à criação de gado, mas empurraria essas atividades para terras ainda inexploradas, com importante impacto ambiental. Daí, por exemplo, a resistência da Europa ao álcool brasileiro.

Esta coluna começou tratando dos dinâmicos Brics. Apesar de todo o dinamismo do mundo subdesenvolvido, porém, sabe-se que será impossível nivelar a maioria da população mundial em padrões europeus ou americanos de consumo. Há um entrave ambiental intransponível. Uma saída razoável é os ricos rebaixarem seus padrões de emissão de CO2 para abrir espaço ao crescimento do consumo dos pobres. É provável que o combustível tenha mesmo que ficar bem mais caro para que a comida possa não encarecer tanto. Em vez de álcool produziríamos mais comida. Quem vai se opor a isso?

## Campos quer intermediar

O governador de Pernambuco, Eduardo Campos (PSB), afirmou ontem que poderá ser intermediador entre a oposição e o governo para a apresentação de uma contraproposta para a CPMF. "Se houver sugestão, que seja algo factível. Mas se houver algo possível de ser feito para evitarmos uma surpresa desagradável, eu me comprometo a ser o mediador e levar a proposta para o Guido (ministro da Fazenda, Guido Mantega). O que não pode é o país perder por um ou dois votos uma arrecadação de R\$ 40 bilhões", disse após participar de evento promovido pela Associação Comercial do Rio de Janeiro.

O governador deixou o Rio, com direção a São Paulo, e afirmou que estaria hoje em Brasília. Apesar de não revelar com quem ele se reuniria na capital paulista, lembrou que "hoje estão ocorrendo conversas intensas" na tentativa de garantir a aprovação da prorrogação da CPMF no Senado. "Eu espero sair com algo de lá (de São Paulo)", disse.

Segundo ele, todos os governadores da base aliada, e até mesmo os tucanos José Serra (São Paulo) e Aécio Neves (Minas Gerais) estão "conversando" com os senadores de seus estados para indicar a posição favorável ao tributo.

Serra afirmou que a questão da CPMF depende muito mais do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva do que da própria oposição. "Sem dúvida nenhuma, a bola sempre esteve mais nos pés do governo", destacou ele.